

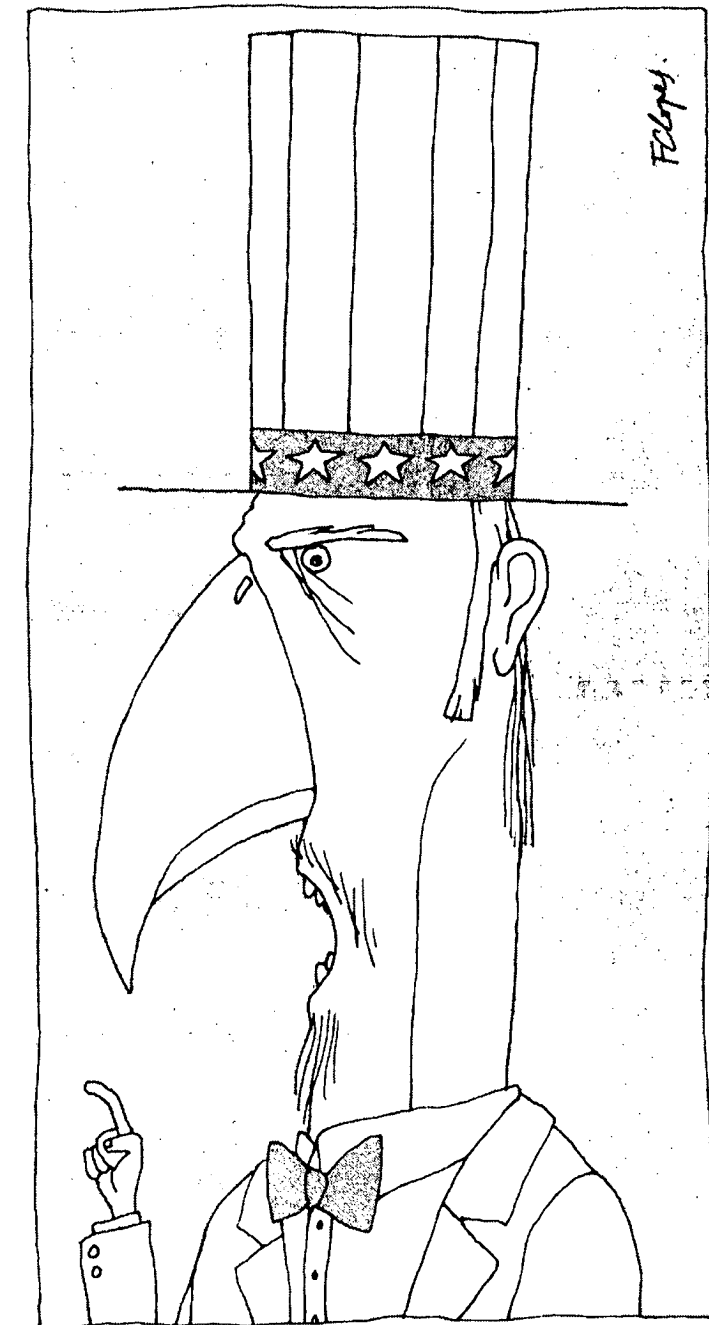
DIÁLOGO DEMOCRÁTICO E ÚTIL

Josaphat Marinho

No mundo de retorno a certas formas de barbarismo, o presidente Clinton deu uma lição de experiência política e de humildade. Governando uma nação em prosperidade, com inflação contida, desemprego reduzido, a um abalo no quadro financeiro e econômico, não entrou em perplexidade. Convidou a discutir com ele grupo ilustre de experientes e pensadores da economia e das finanças. Não os distinguiu pelo apoio à política oficial ou por semelhança de idéias, mas por virtudes de conhecimento e sensatez. Entre eles, Greenspan, presidente do FED, ou seja, do Banco Central americano, visto que o ruído da crise era provocado, grandemente, por excessiva valorização das ações.

Apesar do poder político e administrativo que detém, não ameaçou a comunidade americana, nem internacional, com atos unilaterais e burocráticos. Sentindo que o agravamento da situação seria prejudicial interna e externamente, ouviu o pensamento especializado. Não se limitou aos aspectos da crise circunstancial. Referindo-se à força da Internet, pronunciou-se "a favor da diminuição da distância entre os pobres e os ricos" (*O Estado de S. Paulo*, 6/4). Não se sabe, precisamente, o que fará para reduzir as desigualdades. A manifestação, porém, revela a consciência do perigo e serve de advertência aos menos prudentes. Se "ninguém pode tudo, sobretudo ninguém pode sempre", como Otávio Mangabeira escreveu em 1930 a Getúlio Vargas, os poderosos de hoje devem atentar no sofrimento dos fracos.

É expressivo o que ocorre no Peru, rebelando-se o povo contra o exercício prolongado e arbitrário do governo. Como nesse país, em muitos outros o autoritarismo renasce ou ameaça re-



nascer, sem considerar os horrores que conduziram à Segunda Guerra Mundial. Se os que mandam esquecem as violências da história, as massas populares as relembram, para evitá-las, outra vez. Quando o sofrimento provém muito da fome, como hoje, é necessário não

confiar em demasia na tolerância coletiva. Há revoltas adormecidas que explodem instantaneamente, como as lavas dos vulcões.

O exemplo do presidente Clinton é significativo, não obstante o capitalismo de seu país, ou talvez por isso mesmo. Se im-

périos econômicos ali dominam, os homens mais inteligentes vão percebendo que alicerces balançam e tendem a ruir. Com a explosão vertiginosa dos meios de comunicação, todos em todo o planeta, progressivamente, se informam dos males da humanidade. Quem presumia a destruição rápida do Estado soviético? No Brasil, o governo dos militares se desfez como o Estado Novo. São poucos os que o defendem, diante das arbitrariedades cometidas.

Em seu último livro, *O Brasil e a Segunda Guerra*, João Falcão, já destituído do espírito de facção, refere como aos poucos o povo foi cansando da ditadura e de suas vacilações. E gradualmente se foi libertando do medo, até pedir, com vigor, nas praças públicas, a solidariedade aos que lutavam pela democracia. Na atual fase, não há luta armada de caráter universal. Há, entretanto, o exercício da força para esmagar reivindicações libertárias, até na Europa. E vêem-se, o que não é menos grave, populações famintas, exibindo nos jornais e na televisão a magreza e os trapos de sua miséria. Entre nós, não raro se noticia que há grupos trabalhando em regime de escravidão, e outros que nem trabalho encontram. Parece que os dirigentes políticos esquecem, em todas as latitudes, que o desespero rompe fronteiras, como as águas represadas as barreiras que as contêm.

É perigosa a luta entre os que mandam, enquanto os que sofrem prolongam sua angústia. É bom confiar menos na auto-suficiência e atentar mais nas surpresas dos movimentos populares. A atitude do presidente americano vale como conselho útil.

■ Josaphat Marinho, ex-senador, é professor emérito da UnB e da Universidade Federal da Bahia, e diretor da Faculdade de Direito da Upi